A maior tiragem de todos os semanarios portuguezos

NUMERO 48 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

A GRANDE BICHA... DE RABIAR!

Sobre o povo pobre e exausto, as garras insaciaveis dos vendilhões da Patria!

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 48

LISBOA 13 DE DEZEMBRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS— D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Má interpretação das gentes

O leitor conhece aquelas obras que andam no pavimento das ruas da baixa, obras que qualquer dia ingressam na irmandade de Santa Engracia? Pois os mestres encarregados das obras estavam ha dias arreliadissimos com o caso seguinte:

Meia duzia de estudantes, os homens de amanhã, como soe dizer-se, para provarem que o asfalto não é tão rijo como muita gente supõe, fizeram alguns buracos no pavimento, servindo-se para isso de ponteiras de bengalas, buracos que obrigam os homens das obras a terem de concertar de novo a rua!

E com... alguma graça, dizia um dos empreiteiros:

—Em toda a parte, as ruas servem apenas para se andar por cima d'elas! Só em Portugal é que se quer por força que elas sirvam tambem de bengaleiro!

Dinheiro, o grande ponto vulneravel!

Lisboa era até ha semanas. a cidade onde a imoralidade de linguagem vivia mais impune. Uma senhora atravessar uma rua da baixa, era sujeitar-se a ouvir o que não se diz nos logares mais abjectos, nas moradias onde a depravação é maior. As palavras desbocadas eram de tal jaez e em tal numero, que o comando da policia, (talvez porque o mal lhe tocasse pela porta), deliberou sofrear o escandalo, e habilmente, fez passear alguns agentes disfarçados pelas ruas, agentes que dentro em pouco acarretavam «engraçados» para o governo civil. Creou-se a multa da indecencia, (uns mil reis bem puxados) e o resultado viu-se! Já a mais casta donzela pode passar ao Chiado que não tem muitas ocasiões de corár! Nada, que novecentos mil reis por piada, não é graça!

Lisboa a cidade cega!

A Avenida da Liberdade continua a ser iluminada... com candieiros apagados! Vista da Praça dos Restauradores, a melhor arteria lisboeta lembra uma caverna, e é caso para pensar duas vezes, a aventura de a subir ou descer depois das nove da noite!

E andamos nós vergados ao peso brutal de licenças, taxas, e mais alcavalas camararias! Que até dá mesmo vontade de soltar um viva!...

O menu parlamentar

Ainda o parlamento não abriu e já os jornaes de grande informação andam garantindo que as primeiras sessões vão ser faladas sob o ponto de vista de zaragata! E ainda ha camaradas que acreditam que agora é que isto vae entrar nos eixos, que com o novo parlamento todo de homens de bem, é que a nação vae progredir e vêr discutidos os seus problemas de vida!

Não ha duvida que o programa é o mais prometedor possivel.

INFANCIA PRECOCE

—Aos sete anos filho de capitão! Vê como está adiantado? Eu, na sua edade era com muito custo filho dum sargento!

Má língua

Notas... verdadeiras

A's vezes, a gente tenta
galhofar ao que a entristece;
mas a dor é mais violenta,
impõe-se, e o riso enmudece.

Rir? E' bom. Porém, o riso
não era, hoje, natural;
era o guizalhar de um guizo
trinando num funeral.

Quando uma anciedade imensa
vem apossar-se de nós,
e em névoas de febre intensa
se enrouquece a nossa voz,

mais vále a gente dar largas
á dor que a veio pungir;
só não sente horas amargas
quem já não sabe sentir.

E' demais! A roubalheira
attingiu taes proporções,
que ou se ergue a Nação inteira
ou a cômem os laarões!

Já estávamos habituados
a ver outros engordar;
—mas punham certos cuidados
na maneira de roubar.

Agóra, não. E' p'rá frente
sem rodeios nem negaças,
numa onda aurilusente
de gigantescas trapaças.

Chêga qualquer cavalheiro;
de qualquer suspeito «exilio»,
fabríca immenso dinheiro
no seu proprio domicilio,

próva, com esse «tesoiro»
que ás mãos cheias desbarata,
que, para ter muito oiro,
basta mostrar muita lata,

e toda a gente se curva
como ante um novo Rei-Sol,
e pesca nessa agua turva
com a ambição por anzol!

Não ouve o voz da consciencia,
só attãude ao que retine;
passa a achar uma indecencia
não andar de limousine;

canta lôas á fortuna,
róga pragas á vergonha
como a uma deusa importuna
nos festins de D. Ronha,

e vae beijar, mesureira,
as mãos habeis e suprêmas
onde Patecks *de pulseira*
cobrem vestigios de algêmas!

E tudo cahe, fibra a fibra,
num pantanoso caminho
de serventuarios da libra,
com almas de cavallinho.

Não ha leis que não se tômem
por velharía casmurra;
mede-se a honra do Homem
pêlo recheio da Burra.

No lôdo que se derrama,
cem mil noções se anniquilam;
cahe um diluvio de lama
em que as almas refocilam.

Numa orchestra de cynismo
rompe, em marchas desvairadas,
todo o jazze—banditismo.
das audácias estanhadas;

polanas, mazurkas, «jotas»,
fox-trots, cake-walks, *polkas,*
valsas,
cem mil turbilhões de nótas,
turbilhões de nótas... falsas!

E o peor, é ver que a turba
já nem sabe estremecer...
(Pouco ou nada se perturba,
se não vir a massa *a arder.)*

E' ver que tu se acceita
sem uma explosão ruidosa,
cómo uma peça bem feita,
como uma coisa curiosa...

E' sentir que a tanta gente
—ante o roubo desvendado—
vem, esta raiva que sente,
... de o não ter aproveitado!

TAÇO

questão prévia

ORA aí teem os senhores uma questão que se me afigura prévia de mais: a questão das colonias, que se vem debatendo na imprensa e nas palestras de café e porta de tabacaria, com aquele patriotismo desgrenhado e inutil, que se dispersa em imprecações e alvitres platonicos, dictados, sem duvida, pelas mais belas intenções, mas raramente conduzindo, a fins praticos e enfermando quasi sempre—porque não dize-lo?—dum poucochinho de ridiculo.

Depois da assinatura do recente pacto de Locarno um fantasma se ergueu perante os portuguêses, povoando de terrores de expoliações a nossa imaginação exaltada: a compensação a dar á Alemanha, em dominios coloniais, por varias transigencias em beneficio da paz do mundo. Logo se aventou que da nossa pele sairiam essas compensações e, em boa verdade, fomos nós quem mais corpo e mais consistencia deu a essa hipotese, admitindo-a, discutindo-a, opondo-lhe comissões de defeza e dando-lhe, por fundo de grande destaque, um alarme que quasi se parece com terror.

Dir-se ia que, como possuidores de vastas colonias, não temos a consciencia tranquila, tal é a facilidade com que admitimos que no-las venham tirar, apezar de termos comprado recentemente com sangue o direito de retermos em nossa posse esses territorios em que criámos raizes.

Em vão veem á imprensa os homens de valor e experiencia garantir que hoje menos do que nunca é admissivel a violencia da expoliação dum povo vencedor em beneficio dum vencido. Em vão essas vozes aconselham a que a nossa atenção se fixe um pouco mais em Angola do que no Terreiro do Paço e preconisam uma obra de colonisação sistematica e persistente. O patriotismo desgrenhado nada quer ouvir senão as proprias imprecações: podemos nós, de hoje a oito dias, ter Moçambique tão prospero como a colonia do Cabo? Não! Então tudo estará perdido, senão constituirmos uma comissão de defeza que, agitando numa das mãos os «Luziadas» e na outra a nossa legislação colonial, lembre em grandes gritos ás nações reunidas em Locarno que se não fossemos nós, elas ainda hoje não saberiam o que se passa do equador para baixo e que nenhum outro povo colonisador se pode gabar de ter enleado a pretalhada em mais artigos e paragrafos do que nós.

O que nós estamos fazendo, ó amados patricios, é dar a conhecer ao mundo que admitimos a hipotese de que nos levem uma bôa talhada do territorio nacional e nisto de hipoteses o mau é admiti-las, porque é o primeiro passo andado para que elas se tornem realidades positivissimas. A força que nos vem do nosso direito não pode ser perturbada pela suspeita de que vão atentar contra ele.

Não reeditemos o exemplo romantico e ineficaz de 1890, com a estatua de Camões envolta em crepes e uma subscrição para cruzadores. Mantenhamo-nos firmes na nossa perfeita soberania, começando por não admitir sequer a suspeita da violencia, isto sem escusadas invocações do esforço dos nossos antepassados, nem basofias ridiculas de exclusivos de descobrimentos maritimos e sem aqueles apêlos piegas e costumados para a aliança ingleza, que nada resultam e que só nos deprimem.

Procedemos coletivamente como procederiamos individualmente. Eu, quando saio de casa, não vou com a preocupação de que me roubem a carteira, mas se um dia tentarem roubar-m'a, perseguirei o gatuno pela policia e, em caso de ineficacia, a tiro. Se acontecer que o gatuno disponha de melhor pontaria e me atinja no coração, só me resta uma coisa: morrer. Mas sempre é melhor e mais digno morrer lutando, do que falecer a um canto, entre a indiferença geral.

ECOS

Será do eminente artista Roque Gameiro a capa do nosso numero do Natal

Roque Gameiro, grande mestre da arte contemporanea desenhou propositadamente, para o nosso numero do Natal uma admiravel capa que será reproduzida a tres côres.

Este numero extraordinario conterá maior quantidade de paginas e grande e variadissima colaboração.

A monumental "operação"

Quando alguem se apodera duma pequena quantia que lhe não pertence, chama-se a isso um roubo.

A quantia cresce e o roubo chama-se então «desfalque». Cresce ainda, e toma depois o nome de «alcance». Pois a esta monumental bandalheira das notas falsas já um jornal chamou «operação»!

A' sombra desse crime tremendo, de escarneo e de opobrio sobre uma nação pobre e que se debate em terriveis crises, fizeram-se negocios de «animo leve», que encheram pesadas algibeiras.

O dinheiro falso rodou para mãos que juram aos quatro ventos que são honradissimas—mas a quem soube lindamente vender coisas pelo triplo do seu valor.

A nação recebeu o rudissimo golpe duma circulação fiduciaria livre que profundamente ha-de abalar ainda mais a sua economia. Mas os grandes negocios dos homens intangiveis ficarão de pé!

E não haverá um rebate honesto de consciencia nesses homens que nos governam, e a quem a historia jamais perdoará as cobardes complacencias e as cumplicidades vergonhosas?—Talvez...

Rosna, espirra, ronca, apita.

A Imprensa Nacional, da ilustre direcção do nosso querido amigo Luiz Derouet, é uma má visinho! Altas horas da noite, as caldeiras da fundição, ou lá o que é, fazem uma infernal barulheira. Ou as descargas da lenha na rua—verdadeiras descargas de metralha—ou o terrivel fungar da caldeira, ou os «espirros» ou as «roncadeiras» ou os «apitos»—a verdade é que aquele organismo nunca dorme, seja por neurastenia ou seja por trabalho—e no seu honesto labor obriga-nos a acompanha-lo, quer queiram, quer não. Será possivel narcotisa-lo um pouco?

FIM JUSTIFICADO

—150 cartas para o correio?
—E ainda é pouco! E a participação do meu divorcio!

HUMORISMO

crónica alegre

A ALEGRIA PORTUGUÊSA

QUANDO, ha anos, Eduardo Garrido traduziu, para serem cantados na Trindade, os celebres versos de operêta:

Les portugais
Sout toujours gais
Qu'il fasse beau
Qu'il fasse mauvais...

nos seguintes termos:

O hespanhol
E' sempre um fol.
Um fol, um fol,
Um folgasão...

não me consta que o nosso hereditario inimigo de Castela se indignasse e se puzesse clamando aos quatro ventos não ser tão folgasão como Garrido o achára por necessidade de rima.

Nós, os portuguêses, passamos a vida a fazer declarações publicas contra a copla francêsa. A ultima em data é de Paulo Osório, em resposta a um senhor Verguiol, o qual reeditou, não sei a proposito de quê, o velho logar comum ácerca da *gaieté* lusitana. No *Journal litteraire*, Osório definiu como é, na realidade, o caracter português e terminou por dizer com certa exhuberancia de *ques:* «...que todos os homens de letras e os jornalistas francêses saibam que todas as vezes que eles tomam por sua conta o estribilho de *vaudevilliste* sobre a alegria portuguesa, dizem uma tolice com a pretensão de fazer espirito.

Ora, durante alguns e vários semestres em que gastei as minhas solas nos asfaltos da Cidade Luz, segui a tactica contraria. Em vez de me indignar por nos supôrem alegres, tinha muito gosto nisso. De dez pessoas com quem travava conhecimento, oito, pelo menos, me diziam:

—«*Ah! Vous êtes portugais? Les portugais sout toujours gais.*

Com o meu melhor sorriso, eu respondia:

—«*Parbleu!*

E, por um dito, por uma atitude de bom humor, por qualquer forma enfim, me esforçava por não desmentir a convicção dos meus interlocutores:

Quando, passados três dias, as gazetas francêsas anunciavam mais uma

crise politica, mais uma revolução, e os meus amigos do *boulevard* me perguntavam:

—«Que ha de novo pela sua terra?

...eu piscava um olho sorridente e atalhava:

—«Não faça caso. Aquilo é brincadeira. *Les portugais sout toujours gais.*

...e os perguntadores, a quem de resto o caso era perfeitamente indiferente, concluiam:

—«*Ah! Bon!...*

Se vamos a querer que nos tomem por um paiz *sérieux*, um dia os estrangeiros, a quem mova qualquer interesse, hão de salientar que, tendo nós por resolver na nossa vida nacional meia duzia de problemas relativamente simples, não lhes encontramos a solução por falta de método, de energia e de lúcida inteligencia, que, vangloreando-nos a meude dum imperio colonial cheio de recursos, o não saibamos valorisar e, em vez de pôr de lado, ou mesmo na cadeia, certos administradores prejudiciais, os cumulêmos de honras e de grã-cruzes, que, vivendo na Europa — num quarto independente e com porta para o Oceano — demonstremos um bom gosto, uma actividade mental, uma apetencia ao trabalho, uma sciencia de organização, não direi marroquinas para não ser injusto com Abd-el-Krim que dá agua pela barba de grandes nações, mas absolutamente inferiores. Nessa ordem de ideias poderiam surgir nesses senhores estrangeiros veleidades irritantes de quererem intrometer-se na nossa vida de asneira e de ripanso.

Tratemos, pois, de conservar a nossa imerecida fama de patuscões. Ao menos, assim, quando fizermos alguma tolice destas que galgam por cima dos Pyrineus, dirão simplesmente de nós:

—«*Sacrés portugais! Ils sont toujours gais!*

PAPEL-MOÊDA

Das velhas industrias portuguêsas umas agonisam, outras jazem no mais desconsolador dos marasmos. Quanto ás novas, os governos, ou as recebem com gélida indiferença ou com franca hostilidade. Haja em vista o que sucedeu com a fabricação de notas de quinhentos escudos. Quinhentos escudos são ou não são objecto de primeira necessidade? Ha portanto, que guerrear e encarcerar quem as lance ás cabazadas no mercado?

Ninguem grita aos governos aquela exquisitice de quererem ser os unicos auctores desses crômos. Os da industria particular são impressos com o mesmo desenho, a mesma tinta e no mesmo papel. Apenas apresentam á vista armada a diferença do sr. Vasco da Gama ter uma das bochechinhas um pouco mais gorda. E quem me garante que as bochechas do Vasco da Gama eram mais gordas ou mais magras? Pelo que respeita a garantias, tantas apresentam as notas do governo como as da industria privada.

Acho que, no ponto de inflação fiduciária a que chegámos, melhor andariam os senhores da governança decretando a edição livre do papel moéda. Para a facilitar, deveriam ser admitidas as notas feitas a copiógrafo ou a lapis tinta. Assim, todos nós, á noite ou ao domingo, nos entreteriamos em familia a fabricar as notas necessarias para o outro dia ou para a semana seguinte. Quem tivesse gostos artisticos fazia notas especiaes em sóla pirogravada com a Torre de Belem estendendo os braços a Gago Coutinho, ou em estopa bordada a ponto de cruz com o Tanganho entrando no Mosteiro da Batalha.

Com esta mania de meter os outros

na cadeia, estes senhores do governo ainda arrajam um grande par de botas. Um belo diia, o Paiz trata de saber com que fim eles praticam o que proíbem a qualquer cidadão, e acaba por metêlos tambem na cadeia quando reconhecer que, ao invez dos moedeiros-amadores de agora que pretendiam financiar emprezas interessantes e bastante ultramarinas, os governantes não tem editado moeda senão para financiar mensalmente milhares de inuteis, tubarões e metropolitanos.

ALGUNS PEQUENOS PENSAMENTOS

Uma das coisas mais dificeis da vida é ser justo para os outros no momento em que êles são injustos para comnosco.

* * *

Sou da opinião de mestre Gualdino Gomes. A peor praga que se pode rogar a um inimigo é desejar-lhe, alem duma boa cosinheira, uma mulher que goste dêle doidamente. Podendo ser as duas, é ouro sobre azul.

* * *

Se a palavra «eu» fosse abolida, a maior parte das pessoas ver-se-hia em sérios embaraços para encetar uma frase.

ANDRÉ BRUN

O que se lê

«O PRIMEIRO CONGRESSO FEMINISTA E DE EDUCAÇÃO»—por Arnaldo Brazão (Lisboa, 1925).

Fiel e escrupulosamente, o Dr. Arnaldo Brazão relatou todos os acontecimentos que de perto ou de longe se relacionam com a realização do 1.º Congresso Feminista Português. Publicando o seu relatorio, prestou notável serviço a quem, um dia, quiser discretear sôbre a marcha da idéa feminista em Portugal, marcha extremamente vagarosa e atrazada, apezar do «élan» que anima alguns caminhantes da vanguarda.

Em curtas páginas, que antecedem a parte puramente noticiosa e documental, o dr. Arnaldo Brazão faz a sua confissão de fé no triunfo da justíssima causa de que é um dos mais inteligentes e desinteressados paladinos.

Tereza LEITÃO DE BARROS

RAZÃO FORTE

—Mas qual o teu interesse n'esse casamento?
—Porque se trata de um casamento de interesse!

BOAS ESPERANÇAS

—Vou pedir a menina do quinto andar em casamento! Deve estar contentissima porque sou eu o primeiro que o faço!
—Sim, hoje ainda não veio ninguem para isso!

Sports

ECOS DE SPORT

Candido de Oliveira

Pela saida de Campos Junior da direcção do nosso colega «Os Sports» assumio aquele cargo o conhecido sportman Candido de Oliveira, que foi o capitão do nosso 1.º grupo internacional de foot-ball, e a quem desejamos no seu novo posto as facilidades de que o seu nome desportivo é digno.

Os grandes «scores»

Acerca deste eco publicado no nosso ultimo numero, recebemos dum nosso leitor de Olhão a seguinte interessante carta:

Sobre resultados «gordos» consegui apurar os seguintes:

O record «scorer» em Portugal é de 24 bolas a 1, num encontro realisado entre dois clubs de Aveiro, sendo um deles constituido por jogadores da Velha Guarda.

Em 2.º lugar temos 22 «goals» a 0, pelo club de Vila Real de Santo Antonio, LUZITANO F. C. num encontro realisado entre aquele grupo e uma seleção de Isla Cristina (Espanha).

Vem depois o resultado de 20 bolas a 0, alcançadas num match de 3.ª categoria, entre um grupo de Setubal e outro da Moita, em que aquele saiu vencedor.

A seguir temos 18 a 0, conseguidos pelo Sporting Club Olhanense sobre uma seleção de marinheiros de Faro.

E muitos mais resultados que seria fastidioso enumerar.

Pedindo desculpa da massada que lhe dei

Sou De V. S.ª etc.

UM LEITOR DO «DOMINGO»

A lo.ica do «shoot»

E' interessante ver o que é a logica em coisas de Foot-Ball, tendo nós que dar razão a quem disse que o foot-ball era jogado com onze de cada lado e como a bola era redonda... tudo era jogo.

Vejamos.

O Bemfica é batido pelo Carcavelinhos por 6-2; O Sporting bate o Carcavelinhos por 5-2. Tudo indicava que o Bemfica seria batido copiosamente. Pois não aconteceu assim: Venceu o Bemfica por 2-0... O Sporting venceu o Victoria, o Bemfica venceu o Sporting. Conclusão: O Bemfica é batido pelo Victoria...

Gentileza

Afinal nem todos os desafios são violentos; veja-se a fotografia publicada pelo nosso colega «O Sport de Lisboa», uma manifestação de grande ternura—um beijo—e uma grande alegria—dois pares que dansam o «fox»...

A meio caminho

Com os jogos do domingo terminou a 1.ª volta do campeanato sendo a classificação a seguinte:

1.ª categoria	—Belenenses	19 p.
2.ª »	— »	19 »
3.ª »	—Bemfica	19 p.
4.ª »	— »	18 »

Estado actual do campeonato

Belenenses	19 pontos
Sporting	18 »
Bemfica	16 »
Victoria	15 »
Carcavelinhos	14 »
União	12 »
Casa-Pia	11 »
Imperio	7 »

Para os Belenenses ganharem basta que a 2.ª volta seja igual á 1.ª.

Para o Sporting ganhar basta ele ganhar todos os jogos e que o Bemfica vença Belenenses.

Para o Bemfica ganhar precisa vencer todos os desafios e que Belenenses e o Sporting percam mais um desafio sem ser o jogado com o Bemfica.

Julgamos que o campeonato será disputado entre estes 3 clubs pois que as probabilidades nos outros são de mais dificil realização.

Aos nossos leitores

Pedimos aos nossos leitores que quando julguem algum facto interessante, o favor de o comunicarem ao nosso jornal para lhe ser dada a devida expansão.

O Sparta

Efectua no sabado 19, jogando contra o Bemfica, a sua reaparição, o nosso conhecido «Sparta» que ha dois anos alcançou contra aquele club o resultado de 6-0.

No domingo jogará contra o Sporting, com quem nessa altura não conseguiu mais que um empate 2-2.

Vingar-se-há o Bemfica da derrota de ha 2 anos?

Vingar-se-há o Sparta, do empate com o Sporting?

O Vasco da Gama

Por simples coincidencia, antes de o nosso colega «Os Sports» ter falado no assunto, alguem nos tinha dito que, antes de convidarmos grupos estrangeiros, deviam os emprezarios dos grandes matchs trazer até nós o club «Vasco da Gama» do Brazil, formado por portuguezes, e que tão bem tem defendido a nossa terra na Nação irmã.

Porque não pensam nisto os nossos grandes clubs?

OS SPORTS NA PROVINCIA

PRAÇA DE TOUROS EM COIMBRA

COIMBRA — No domingo 29 de Novembro, tarde de sol mas bastante fria, realisou-se nesta praça, com bastante concorrencia, uma garraiada promovida pela União Foot-Baal Conimbricense Club, sob a direcção do dr. Octaviano do Carmo e Sá.

Alem do trabalho do cavaleiro, digno de nota, e de um bom par de bandarilhas dum dos toureiros que coadjuvavam a lide, nenhum trabalho digno [de menção. —O. L.

AVEIRO, 6—Para disputa do campeonato distrital, jogaram em S. João da Madeira as 1.as categorias dos Galitos e Associação Desportiva Sanjoanense, ficando vencedores os Galitos por 4 bolas a 1. Tambem jogaram as 2.as categorias, tendo empatado por 3 a 3. Arbitrou o sr. Alberto Valente, do Espinho.—C.

O CONCURSO DO CAMPEÃO

O nosso jornal vai encetar hoje um concurso! Trata-se de ver quem acerta com o nome do Campeão de Lisboa em foot-ball, na Divisão de Honra, em 1925-26.

AS CONDIÇÕES SÃO:

Recortar o coupon abaixo e envia-lo, devidamente preenchido, a esta redacção—Secção Desportiva.

No caso do resultado ser um empate, servirá o numero de pontos dos outros classificados—para o desempate. No caso do empate subsistir, um sorteio, designará o vencedor.

Um valiosissimo premio será sorteado entre os leitores que acertarem.

O CAMPEÃO SERÁ

Belenenses	pontos
Sporting	»
Bemfica	»
Victoria	»
Carcavelinhos	»
União	»
Casa-Pia	»
Imperio	»

Nome ....

Morada ....

UM DETALHE CURIOSO SOBRE O «CIRCUITO HIPICO»

Recebemos a seguinte carta com o pedido de publicação.

Ex.mo Sr. Director do «Domingo Ilustrado». Só hoje li, na explendida revista que V. Ex.ª tão dignamente dirige, uma cronica sobre o Circuito Hipico de Portugal e assinada pelo concorrente n.º 40, mas como na mesma se faz uma afirmação que não é exata, peço a V. Ex.ª o favor de a aclarar com o meu depoimento.

O autor dessa critica termina a mesma, afirmando que o Ilustre Capitão Rogerio não teve ninguem que o prevenisse de que o cavaleiro n.º 41 não poderia, de maneira alguma, agarra-lo em virtude do estado de abatimento da montada do arrojado civil.

Ora isso é menos verdadeiro, pelas seguintes razões:

1.ª—Que pouco depois de o arrojado cavaleiro sr. Tanganho ter passado, acercou-se dos cavaleiros militares, um grupo de cavaleiros civis, no qual ia o Mestre de Equitação sr. José Mota que os preveniu do estado em que seguia o «Favorito».

2.ª—Que esta afirmação não foi ouvida pelo sr. Capitão Tavares mas sim por um dos tais «amigos dos diabos» (creio que o tenente Coutinho) que fustigava o pobre «Emir».

3.ª—Que esse tenente, tambem concorrente ao raid, não levou em conta essa prevenção por ser feita por um civil...

4.ª—Que é assim o Sport em Portugal...

Sem mais, sou com toda a consideração, de V. Ex.ª At.º Vdor. e Obr.º *A. Carvalho*, rua Victor Cordon, 19.

Os jogos de hoje

Com os jogos de hoje vão-se talvez definir um pouco melhor as posições dos candidatos a campião. Assim o Bemfica com o resultado de hoje, se ele for uma vitoria, ficará talvez com a sua posição de 3.º classificado mais consolidada, e com mais moral para poder lutar para alcançar a 1.ª classificação. Tanto mais, que jogando no seu campo, tem mais probabilidades de triunfar. E não se diga que se formos a olhar a superstições o resultado não apresente dificuldades: inauguração dum campo no dia 13, contra um grupo, cuja equipe é negra... O Sporting vencerá o União, não devendo isso ser muito dificil, atendendo a que este club joga sem um dos seus melhores jogadores, suspenso pela A. F. L., em virtude da sua conduta no jogo com o Bemfica; além disso o União não joga no seu campo, e segundo os entendidos, este club é muito mais para temer ali do que noutro qualquer. Não queremos dizer com isto que o Sporting não tenha de trabalhar.

O Belenenses-Victoria é talvez o jogo cujo resultado se apresenta mais enigmatico, em virtude de o Victoria ter alcançado no ultimo domingo, uma victoria cujo efeito moral, foi excelente.

Os Belenenses terá de empregar-se a fundo se quiser ganhar, e não nos repugna admitir uma victoria deste club, apenas por um ponto, ou mesmo um empate, se o Victoria jogar como já mostrou que o sabe e pode fazer.

O desafio Imperio-Carcavelinhos deve terminar pela victoria do Carcavelinhos, e aquele já não será talvez capaz de deixar o ultimo lugar. Mas talvez assim não aconteça porque o Imperio sempre foi team de surpresas e este ano ainda elas podem acontecer.

Não devemos andar longe da verdade se palpitarmos:

Sporting-União	4-1
Belenenses-Victoria	2-1
Casa Pia-Bemfica	1-3
Carcavelinhos-Imperio	3-1

á sucapa...

A "Inspecção geral dos teatros" ou "Uma coisa que não serve para nada"

Determinado emprezario, actor e ensaiador, (ponham-se trez pontos de interrogação á cautela) requereu para ser de novo emprezario, apezar de ter falido e de dever um bom-par de contos de reis a muitos que ainda hoje sofrem as consequencias da sua ultima empreza.

A Inspecção Geral dos Teatros, porque o camarada tinha falas bonitas ou tem a proteção do Espirito Santo, imediatamente concedeu a licença, e o emprezario em questão começa a ensaiar... com o fim (oh! altruismo!) de vêr se arranjava dinheiro para pagar os anteriores compromissos.

Vai d'ahi, uma comissão de prejudicados com a administração do aludido emprezario pretende requerer que ao mesmo senhor não seja dada licença de exploração, sem satisfação absoluta dos debitos e... a Inspeção, exige a estes infelizes, para esse requerimento proseguir, um deposito de uns poucos de escudos e mais isto e mais aquilo!

Isto é, um camarada que deve, póde continuar a contrair novas dividas que isso não faz ao caso, mas os credores é que só mediante mil e um tratos poderão ter direito... a pedir!

E lembrar-se a gente que foram os actores que inventaram toda esta trapalhada de inspeções, diplomas, licenças e depositos!

Vida nova na Casa Velha

Começa hoje a discutir-se na A. C. T. T. a reforma dos estatutos que pretende levar áquela agremiação o impulso bastante para fazer da classe teatral uma classe limpa e elevada. Julgamos que simples vão ser os atritos que se hão-de levantar. Infelizmente, nem todos comprehendem que o caminho tem de ser desbastado de qualquer escalracho e só depois é que a classe poderá caminhar. Como profissionaes de teatro, d'aqui desejamos que os trabalhos que hoje se vão encetar, correspondam ao fim altamente digno que teem em vista.

«TREMIDINHO»

Dá uma volta pelos teatros de Lisboa

No Avenida:—Amarante afina a cabeleira ouvindo as opiniões do Grave sobre as «tournées» á provincia.

A certa altura entra o João Silva que vem mostrar uma fazenda que tenciona comprar. Palpa, cheira, pesa, mede, e pergunta a todos se foi caro.

Depois pede uma opinião sobre o feitio do fato. Quantos botões, quantas algibeiras, com que linha deve mandar coser, se as costuras deverão levar rodas de borracha, se os forros ficarão bem com um hombro macio, se a gola deve ser impermiavel, etc, etc;

Depois de ouvir todas as opiniões e de dar duzentos acordes, João Silva delibera não comprar a fazenda.

Do camarim da Satanela vem um perfume a sabonete que consola. Enquanto a Josefina lhe desenrosca as tranças, Satanela vai colecionando os retratos que tem tirado e falando na M.^me^ Martim:

O camarim da Celeste Leitão parece uma oficina de costureira.

Todos chamam pelo Magalhães que afinal está no bufete á procura dos dentes...

Politeama.—O Leitão conta coisas de força ao Raul de Carvalho que afirma que está esta epoca com um talento que nem pode com ele.

A Emilia d'Oliveira faz festas ao Luizinho e a Constança fala «tatebitate» com a Maria Clementina. O Gastão diz quatro piadas ao Azevedo que está sempre aborrecidissimo e o Robles zanga-se porque o pano não cae a tempo.

Nacional.—O Ribeiro Lopes afirma ao Clemente que ele é que faz bem em não querer saber de nada. No camarim da Ester Leão discute-se arte, sciencias e outros pertences. A Albertina chama pelo Costa e Silva para lhe dizer que ainda não está pronta. O Joaquim d'Oliveira chama mestre ao Pinheiro e este diz o mesmo do Rocha.

Eden.—Não está ninguem porque só ha ensaios para o mez que vem.

Trindade.—Todos dizem o mesmo pelos cantos:

—Isto nunca se viu!...
—Isto não pode ser!
—Isto é demais!

Ginasio.—O Loforte fez tilintar as chaves e dá ordens ao porteiro da caixa, a Elisa Santos afirma que sabe tocar francez e falar piano; o Matos Reis diz que corpo elegante como o dele nem o «Vertical», o Gil pergunta se vieram alguns e o Henrique de Albuquerque conta as suas proezas do ribatejo, quando com um cacete nas unhas varria uma feira com maquina especial para café e tudo.

São Luiz.—O Alvaro d'Almeida, está muito triste, sentindo que fez asneira em sahir do Robles. A Teresa ensina a uma corista a maneira de cortar gatos sem dôr e o Almeida Cruz diz ao Macedo e Brito em que fica com respeito á historia do carnaval.

S. Carlos.—O Erico finge que é o Visconde de São Luiz e a ele proprio se chama o velho Braga.

A Lucilia diz que sim, mas velho é que não está bem. O Mario combina uma ceia com o Seixas e a Amelia Pereira a um canto mete uma pedra no sapato.

Apolo.—Devido ao barulho que o Alves da Cunha fazia no camarim, não me foi possivel ouvir o que diziam os outros actores e actrizes.

á sucapa...

A questão dos diplomas

Agita-se na classe teatral a ideia de, n'uma representação, pedir ao governo para que o celebre decreto sobre as licenças para representar, ingresse no «panteon» das coisas inuteis e, embora os cento e oitenta escudos se percam e uma nova contribuição se pague, a arte de representar seja uma arte livre, aberta amplamente a quem a deseja abraçar.

E nós estamos já a vêr d'aqui, que a representação citada será completamente indeferida pois iria escangalhar uma «egrejinha» habilmente instituida, e que já estaria por terra se a classe, em vez de se deixar levar pelos cantos das sereias teatraes, tivesse pensado um minuto antes de pedir essa lei que afinal serviu o unico fim que os inspiradores tinham em vista: A justificação da Escola da Arte de Representar!

"Fim de festa"

Em «fim de festa» o Nacional leva agora a «Severa». Temos a maior consideração pessoal pelos artistas que ainda trabalham na Casa de Hospedes de Almeida Garrett, mas a verdade é que isto assim não pode continuar.

Na 5.ª feira com a peça ensaiada, zangaram-se tanto uns com os outros, houve tanto chinfrim, que a peça não foi á scena apesar de anunciada! O Estado, á boca calada, lá lhes deu dez contos no fim do mez e prometeu agora mais cinco. Vai assim ás gorgetas. Mas ha quem se sujeite a isto? Mas ha quem se preste a dar o seu nome para manter esta chuchadeira? E diziam que era a Stichini o fóco de indisciplina! Atraz de mim virá... Que pena, Esther Leão, Clemente, Ribeiro Lopes e mais alguns, que vocês não vivam, como teem direito, da sua arte.

A NOSSA GRANDIOSA FESTA

A NOITE DE AUGUSTO ROSA

Vai-se realisar, no Teatro S. Luiz, nos primeiros dias de Janeiro, um dos espectaculos mais sensacionais a que Lisboa tem assistido. A ele deram já a sua colaboração os nossos primeiros artistas. Erico Braga, um brilhante artista, um emprezario notavel, não dá espectaculos nessa noite, no seu teatro. Luiz Pereira, um grande coração e uma bela alma de homem de teatro cede os seus grandes artistas, Amelia, Robles, Azevedo. Alves da Cunha, a grande Adelina, Berta de Bivar, estão comnosco. Esther Leão, Leonor Faria vão representar. Lucilia será a interprete do primeiro papel feminino, destinado a ela, por Augusto. A representação unica do «Punindo» será coroada de esplendoroso exito. Muitas figuras entrarão mais. Todos os azes de Teatro colaborão num magnifico «raout» artistico com que finda o espectaculo.

Será uma grande noite de arte.

S. Carlos — Companhia Lucilia Simões-Erico Braga — «Principe João». Estrondoso exito.

S. Luiz — A zarzuela de grande sucesso «Os Gaviões».

Gymnasio — «Vida e Doçura» com Palmira e Gil Ferreira. Grande exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaço-Robless Monteiro «Raparigas dsc hoje».

Eden — Fechado temporariamente.

Nacional — A «Severa» com optimo desempenho. Reprise sensacional.

Apolo — «A Taberna» de Zola, colossal trabalho de Alves da Cunha com Adelina e Berta.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA ?

De caixão á cova e de caixão ao fôrno

Em logar de uma novela alegre completa, uma novela muito fúnebre e, portanto, quasi completamente triste...

AUMENTARAM os modos de vida. E' natural, portanto, que tambem aumentem os modos de morte.

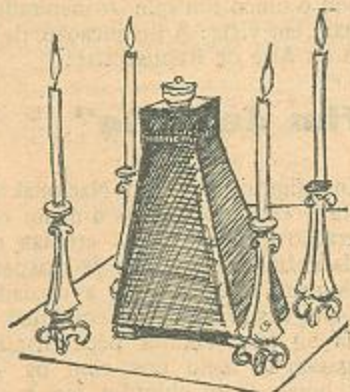
O progresso não contente com as acanhadas fronteiras da vida, penetra a propria eternidade.

* * *

Vem esta cronica a proposito da conclusão do «forno crematorio», obra levada a cabo por um alto espirito, um dos mais ativos, corretos e competentes valores da moderna geração, que num paiz de lazzaroni da vontade, onde o desleixo e a rotina fazem lei, tem a coragem de fazer alguma coisa util e de trabalhar desinteressadamente para o bem comum e para o engrandecimento da sua terra.

Dentre as muitas obras que lhe devemos, esta é das que mais se impõe e merece o nosso aplauso, porque é uma obra de higiene e de humanidade.

Sobre as vantagens higienicas, é inutil insistir, tão flagrantes elas são.

De humanidade porque se evitam assim as consequencias dos frequentes e terriveis casos de sepultados vivos, e nos poupa tambem ao dilema degradante e vexatorio de termos de nos apodrecer e ser o reles pásto de nojentos vermes.

Que poderá haver de mais belo que a purificação pelo fogo, o verdadeiro regresso ao pó que fomos e a que havemos de tornar; mas o regresso imediato e sem a passagem demorada e aviltante por todas as nauseantes fases da putrefacção lenta?

E que bela maneira de ascender, de subir, na verdade, ao ceu, no fumo que se ha-de evolar de nós; em que esta vil materia se transformará subindo sempre, atravez o infinito, em busca do álem, numa ancia de prece procurando a altura!

Que bem demonstrada ficará assim a nossa fragilidade, porque mais rapida e imediatamente nos converteremos, no que afinal apenas somos.

Choca a principio a ideia de que havemos de ter destino egual ao da lenha que nos alimenta a lareira e nos aquece na velhice.

Mas o que é tambem o nosso corpo, senão um fragil madeiro na tormenta da luta pela vida, madeiro que a mesma vida gasta, queima lentamente e que a morte afinal ha-de reduzir a cinzas?

* * *

Mas isto vai tragico e é bom que mudemos de assunto.

De resto não está nos meus habitos e muito menos neste logar, falar em coisas tristes.

Como falei de morte, invadiu-me logo uma tristeza imensa e a cronica revestiu-se de luto pesado, tornando-se cada virgula uma sentida lagrima e cada exclamação um pingo de tocha.

Emfim uma cronica que ficava bem numa quarta feira de cinzas.

Porém, esta especie de preambulo era necessaria para demonstrar que as considerações alegres, previsões de futuros aspectos e toda a inofensiva blague contida nestas despretenciosas colunas, não devem tomar-se como hostilisantes ou de censura para uma inovação que, pelo contrario, merece e tem, o nosso mais vehemente e sincero aplauso.

* * *

Temos, portanto, e felizmente para a nossa instalação na outra vida, novas formas por onde escolher.

Até aqui qualquer candidato a cadaver, por mais exquisito ou exigente que fosse, tinha de contentar-se com as formas archaicas do caixão á cova, do jazigo de familia ou da vala comum.

E os pobres vermes tinham de nos engulir ao natural e sem tempero.

Agora não. Já podemos ir ao forno e servirmo-nos á bicharada mais ou menos passados pelas brazas, segundo as predileções de cada um.

Poderemos previamente determinar qual a forma por que desejamos que nos apresentem e nos sirvam na eternidade: mais ou menos torrados, com mais ou menos tempero, mais secos ou com mais molho.

Tudo dependerá do nosso gosto e das nossas prévias disposições nesse sentido.

Motivo porque dóra avante os testamentos apresentarão em parte o aspecto de receitas de cosinha e serão de futuro exigidas aos notarios umas noções gerais de culinaria.

Isto porque os testamentos na parte referente ás disposições funebres, conterão trechos como este:

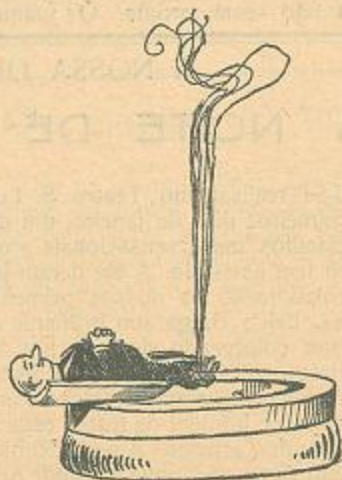
... mais disponho que o meu corpo vá ao forno... crematorio, depois de barrado com manteiga fresca, se fôr no verão, devendo ficar bem tostado etc... e este:

... mais determino que depois de bem assado, me deixem ficar de conserva no taboleiro, a fim de poder ser servido frio, etc., ainda este:

... e desejo que depois de algum tempo em vinha d'alhos, me ponham na grelha, sendo o meu corpo «sauté a la broche», a la «broche» por causa do calor, é claro.

Emfim que enorme variedade de petiscos podemos fornecer, principalmente se desejarmos ser servidos por partes, aproveitando separadamente os miolos, que, forçoso é dize-lo, n'alguns serão talvez muito inferiores aos de carneiro, as belas costoletas, a bôa lingua (que raros estarão habilitados a fornecer e que no sexo fragil será um petisco rarissimo) as mãosinhas e os presuntos (que em muitos dificilmente se poderão distinguir) e finalmente a orelha, que nos menos aceiados poderá rivalisar com a do porco.

* * *

A par de todas estas vantagens conseguimos tambem maior conforto na eternidade; teremos chauffage na outra vida, não devendo assustar-nos portanto de futuro, o frio da morte.

A muitos custará, de certo, habituarem-se á ideia de ter um destino egual por exemplo, ao dos charutos. Queimados, feitos cinza...

Mas pensando bem e dada a carestia dos funerais, que enorme, que grande economia, representa para os vivos esse destino dado aos mortos.

Em logar da urna de mogno carissima, bastar-nos-ha um simples e modico cinzeiro.

* * *

Depois a quantas scenas curiosissimas poderemos assistir; que inesperados, ineditos aspectos nos hão-de apresentar certos funerais.

No cemiterio um dos parentes que não poude acompanhar o enterro, chega apressado, ofegante e pergunta com a voz entrecortada de soluços á uma senhora que tambem soluça copiosamente:

Então, então... já não... chego... a tempo... de o ver não é verdade?

Pois não... o Snr. General... deve... estar já a sair do forno...

—Oh que pena. Logo vi que chegava tarde. E como é que o fazem?

—Na grelha, Snr. Coronel, na grelha...

Uma voz perto:

—Mas porque esperam?

—O Coelho ainda não está bem assado.

Uma senhora edosa:

—E' um prato de que não gosto.

—Não, refiro-me ao General Coelho da Silva.

—Ah! desse gostava bastante. Que grande desgraça (chora). Ainda se ao menos ficar bem temperado.

Uma outra voz:

—Tenho as minhas duvidas. Olhe parece que já cheira a bispo.

Uma voz do lado soluçante, explicando:

—Não admira é porque tinham assado antes um ecclesiastico.

N'outro funeral:

Estão perto do forno varios convidados; uma, que chega, de certo amiga... de Peniche, da falecida:

—Então ainda falta muito?

—Não, já está quasi córada.

—O quê, diz a recemchegada, boquiaberta de puro espanto, será possivel? Não acredito.

Corada? Isso sim!

Ela que em vida nunca córou perante as maiores inconveniencias, ia agora córar depois de morta?!...

AUGUSTO CUNHA

UMA NOVELA IRONICA
COMPLETA

A historia do automovel
(«Taxi-nas-Tintas»)

Aviso aos incautos: Existe em Lisboa um automovel pintado tal como os taximetros de palhinha, mas que o não é. Surge de noite, e aproveita-se dos lugares e das confusões da primeira vista. Leia! Agradecer-nos-ha!

ERA dia de festa, no sabado, em casa dos Sampaios. Fazia anos a Dona Bemvinda, e era curiosa aquela coincidencia—fazia-os tambem o Sampaio.

Era esse duplo aniversario, de resto, o unico que se festejava naquele lar de 3.º oficial e de 3.º andar, onde tudo era de 3.ª, excepto a garota mais velha, que era insofismavelmente de 1.ª. Já com dias de antecedencia se tinha discutido o programa da noite. Havia muito tempo que aquela familia apenas conhecia os teatros dos cartazes—a não ser o Nacional, onde o Sampaio despejava mensalmente a familia num camarote, arranjado á borla no Ministerio, no Ministerio da Instrução onde ele Sampaio tinha alem do direito á reforma o direito áquela gorjeta artistica em dias de chuva e á 2.ª feira.

Deu uma vista d'olhos pelos teatros a ver as possibilidades de borlas...

O Sampaio tinha deitado a rede pelos teatros todos, mas era dificil. Ao Nacional, a Dona Bemvinda, nem já mesmo de graça queria ir. Conhecia a «Severa» de pernas para o ar, os «Velhos» desde rapariga, e com o «Amor de Perdição» já não chorava—dormia.

No Avenida o Amarante, era teimoso como as casas para dar borlas. O Erico esse facilitava-lhe um camarote barato. O peor era o sêlo, a percentagem da Empreza lirica, a assistencia, e outras insignificancias que tornavam o bilhete mais caro do que nos contratadores. O Luiz Pereira, era seu amigo, mas estava sempre fóra e o Robles «não tinha nada com isso». No Trindade—como ao que se diz, as enchentes são á cunha, o mesmo sucedendo no Eden—nem pensar nisso.

Restava-lhe o S. Luiz e o Gymnazio. Mas os borlistas do S. Luiz são historicos e permanentes e o Macedo e Brito arranjou-lhes seguro de vida.

Resolveram-se pois a ir ao Gymnasio, para tornar a ver a Barbara numa peça que a Dona Bemvinda já vira em tempos, e onde, no seu dizer, «rira tanto que até viera incomodada para casa...»

* * *

Mas, logo de manhã, nem de proposito, poz-se um dia de agua. O Sampaio nem foi á repartição. Ficou todo o dia em pantufas, a catar as folhas velhas da begonia da casa de jantar, e de tarde carpinteirou um caixote para o gato, porque o indecente tinha ido sujar dentro da chapeleira da Dona Bemvinda, na casa dos engomados.

* * *

O jantar naquele dia foi muito melhorado. Houve almondegas e arroz puchado—puchado a dois frangos gordos e caseiros, e serviu-se á sobremesa aletria com iniciais em canela, escandalosamente entrelaçadas.

—Pena é o tempo—avançou Dona Bemvinda ao considerar as grossas bategas de agua a estalarem nas vidraças.

—Não estou para levar o chapeu melhor. E, o velho, com aquela porcaria do gato ficou com mau cheiro...

Fez-se um silencio grave. Depois, Sampaio, superior, franzindo a testa e chupando o palitinho com que esgravatava o queixal, declarou, como quem mede bem as responsabilidades do que avança:

—Não faz mal... Viremos de automovel.

—O quê?! fizeram todos em côro.

—Estás doido, um dinheirão!

—Vimos de automovel, repetiu o Sampaio. Ha agora ahi uns taximetros de palhinha, que são muito baratos. Já te disse—vimos de automovel.

Agora vamos a pé, não vale a pena... já ninguem nos via...

Os garotos deram um pulo, e a Dona Bemvinda, que já estava de espartilho, clamou, ao enrolar o guardanapo na argola, um: Extravagancias!

Mas Sampaio, impavido, desapertou dois botões das calças para distribuir melhor a comida no seu vasto abdomen, e concluiu modestamente:

Vão-se vestir... Vão-se vestir!

* * *

Os Sampaios estavam na «Guerra ao Vinho» numa terceira ordem como competia á categoria do seu chefe.

Simplesmente, como o novo teatro por um engenhoso «truc» constructivo tem as frizas na primeira ordem, os Sampaios tinham a ilusão dôce de estarem na segunda. A Barbara apareceu a dizer ingenuamente que queria limonada e a Dona Bemvinda ficou muito admirada de lhe ter achado tanta graça noutro tempo.

Ao fim do terceiro acto a Barbara estava bêbeda e a Dona Bemvinda estava com um bocado de sono.

* * *

Sairam. Choviscava. O Sampaio envolveu-se bem no seu sobretudo voltado e a D. Bemvinda abriu a sombrinha. O rancho desceu a Rua da Trindade.

—E se nós fossemos no electrico do Rato?

—Vamos de automovel! disse alto o Sampaio, mirando de soslaio o efeito daquela afirmativa cara. E tornejaram ao Chiado. A chuva apertara. Na volta da curta esquina do Carmo a Dona Bemvinda fez uma «derrapage» e se não fosse o policia sinaleiro que a aparou no rôlo da massa, tinha aterrissado. A caravana Sampaio, lentamente, sob a chuva miuda, chegava ao Rocio...

* * *

Quando Lisboa não tinha automoveis baratos, as familias da especie bacteriologica dos Sampaios, regressavam tranquilamente a casa de electrico, e pelos seus cerebros jámais tinha passado a vertigem alucinadora e estonteante de goso, dum automovel! Mas os dezassete taximetros lançados inconscientemente sobre uma cidade indefeza, vieram aguçar as gulas adormecidas! Aqueles coupés de palha amarela a correrem dum lado para o outro, a saracotearem o jogo trazeiro e a dizerem com as buzinas: subam, subam que é pelo preço da «uva mijona», vieram crear novas lutas intestinais e novas torturas sociais.

* * *

Vejam agora os Sampaios correndo como doidos para a Rua da Betesga: Ali vem um, papá! Vem livre! Vem livre!

E logo outros Sampaios correm tambem. Está tomado! Está tomado! Mas eis que surge outro da Rua do Ouro e logo os Sampaios atravessam de novo o Rocio, sobre a lama e debaixo de chuva, correndo velozes: Pst! Pst! Mas dezenas, centenas, milhares de outros Sampaios, mais ou menos 3.os officiais, correm tambem. Ha duas, dez, setenta familias com creanças, penduradas do «chauffeur».

Corriam milhares de pessôas, de todas as categorias em torno do unico taximetro livre...

Cruzam a Rua do Carmo, á espera dos retornos. Mas os retornos veem cheios. Vão á Avenida. Mas se ha pessôas que vão a pé até á Rotunda para tomar o taxi que as leve á Rua das Pretas!

Desiludidos, encharcados, enlameados até ao equador, os Sampaios resolvem, perdidas as esperanças e o ultimo electrico: Vamos a pé!

* * *

Mas eis que surge, todo lampeiro no escuro da Avenida, bamboleando-se nas molas um carro de palhinha... E' um taxi! Bradam em côro. E, na precipitação, a familia, dum jacto, salta-lhe para dentro.

O carro roda. Trepa o Salitre. Nisto, porem, Sampaio tem um sobresalto. Não vê o distico do taxi. Estabelece-se o panico no interior do veiculo.

Ha um desmaio eminente de Dona Bemvinda, que grita:

—Filho, filho, manda parar!

Alucinado, Sampaio assoma a uma das janelas.

O carro estaca com um ronco e o chefe de familia, vendo a ruina a avassalar-lhe o lar, avança resoluto:

—Que carro é este?!

—E' um automovel, diz tranquilamente o «chauffeur».

—Mas o quê?! Então desta côr, não é taxi? balbucia sucumbido o grupo, em massa.

—Não senhor: Este é só taxi, nas tintas... São cincoenta cacetes até S. Mamede, e é para quem quere!

Vá, saiam todos, ordenou Sampaio —E' uma roubalheira indecente! Mas este automovel traz a palhinha para nos enganar! De dentro do sobretudo, o «chauffeur» respondeu ainda:

—Toda a gente come palhinha... a questão é saber-lha dar...

* * *

E, esfalfados, os Sampaios, treparam á pata o resto do Salitre. Quasi a S. Mamede, os pequenos gritaram:

—Agora, agora papá, é que ali vem um!

—Livra! disse Sampaio alargando o passo. E a propria Dona Bemvinda comentou, apesar de cançada:

—Agora, para quê, já ninguem nos via...

LEIA NO PROXIMO NUMERO

Onde sempre é noite...

NOVELA EMOCIONANTE DE

PASSA-TEMPO

Solução do problema n.º 46

	Brancas	Pretas
1	1-6	2-9
2	3-7	11-2 (D)
3	23-27	2-20
4	27-32 (D)	20-27
5	32-23-14-5	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 47

Pretas 2 D e 4 p.

Brancas 1 D e 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 45 os Srs. Artur Santos, Diamantino Pereira, José Brandão; José Magno (Algés), Ratesvana (Oeiras), Talu (Teatro Avenida), Vicente Mendonça e Carlos Gomes (Bemfica), que nos enviou o problema hoje publicado.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

ACABA de descobrir-se que certos animais— o salmão por exemplo—não dormem nunca e podem viver no seu meio cerca de 180 anos! Um biologista norueguez constatou que no celebre aquario de Stockolmo havia muitas especies de peixes que não descansavam jamais!

A Pensylvania Râilroad Company (Incorporated) acaba de abolir os apitos de todos os seus milhares de locomotivas. Com esse facto, economisa em carvão a bonita soma anual de novecentos mil dollars.

Com o emprestimo caucionado com essa quantia fez em uma cidade o maior teatro operario do mundo, o qual comporta seis mil espectadores, instalados em fauteils do tipo «Mapple». E' o que se chama um teatro de muitos... três assobios!

DUM «sonhador» recebemos um sonetinho, cujos tercetos finaes são estes, e é dedicado a M. C. C. D.

Do Céu te chamas ó linda
e do céu serás ainda
um anjo com azas d'oiro.

Na terra tens quem te ame,
e em sonhos por ti chame,
Fada do cabelo loiro.

Um sonhador

(Feito em A. da L. (Coimbra, 24-11-1295)

SECÇÃO A CARGO DE **REI-FERA**

QUADRO DE HONRA

20 DECIFRAÇÕES (Todas)

LHÁLHA, REI-VAX, ROBUR, BISTRONÇO

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 46

OUTROS DECIFRADORES

ERRECÊ, 13, — E. O. Q. B, 10—PATO BIGAS, L.DA, 10—MIDA, 6

DEDICATORIAS:

Decifraram as produções que lhes foram oferecidas:

ORDISI, HICCO ZONHI, REI-VAX

DURAS DE ROER...

A N.º 13—Introversão—da autoria de Errecê. Foi a produção menos decifrada.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Madeixas 2—Pechote 3—Proluxo 4—Degustado 5—Barroco 6 Avôa 7—Apára 8—Numerosamente 9—Hemiciclo 10—Unicorne 11—Solido 12—Pandemonio—13 Mentecato 14—Camaleão 15—Clises.

CHARADAS EM VERSO

(1)
Fui a Algés hoje á tourada,
A' festa do Zé Matias,
Levei tambem minhas tias,
Visto haver 'ma «charlotada»

Quando ia a ser lidada
Uma vaca das bravias,
Houve gritos, correrias,
Por um *motivo* de nada!—1

Acóde logo a policia
Que, co' atitudes guerreiras,
Produz maior reboliço!—2

. . . .

Quando eu ia com pericia,
A dar ás «gambias» ligeiras,
Fui preso sem dar *por isso.*

REI-VAX

(2)
O soldado lá vai, marchando e rindo
naquela *expedição militar*. Deus!—3
Não consintas senhor! que filhos teus
marchem para a morte, e tantos vão indo!

Nem sei mesmo o que vou por Ti sentindo.
Existes ou não?! Ai! Pensares meus
que bem melhor cabeis entre os ateus
que na região d'amor infindo!

Se tua alma *bate* em cheio nas almas—1
que te adoram e são cristãs só calmas,
porque na Fé entre o mal, a *incursão?*

. . . .

Marcha a sorrir o bom do soldadinho!...
Mas no seu olhar meigo bem ad'vinho
O medo d'ir matar o seu irmão!

LHÁLHA

(3)
Ardo em febre violenta—2
Que a *nevralgia* origina—2
Dôr mofina, quizilenta;
Só o *calmante* a domina.

REI-MORA

(4)
Vi na beira deste «*rio*»—2
Uma *mulher* mui formosa—3
Dirigindo á virgem Santa
Uma *oração* fervorosa.

VASCO H. DIAS

LOGOGRIFO

(Para os meus ilustres colegas)

(5) Sou em todo o *Universo*—9—8—5—11—6—5—10—12—7—3

LOGOGRIFO

Conhecido: comilão
Que sempre vai tomar «*parte*»—11—1—12—5—17
Num bom *festim*, pois então?!—17—16—15—14—13

Quem *mastiga* m lhor qu'eu—2—10—13
Nem Satanaz no *inferno*...—3—4—5—3
Desafio o mundo inteiro,
Eu, que sou o mais moderno

Rival de Pantagruel...
Teem medo, estou a ver,
Do que diz o *dictado*:
Guardado está o bocado
P'ra quem o ha-de de comer...

FILHO D'ALGO

CHARADAS EM FRASE

(6) *Mais tarde* digo-lhe o nome do *animal*, por emquanto é *misterio*.—2—2

Porto — ERRECE

(7) Parece-*me* que um homem *simples* não deve usar *chapeu alto*.—1—2

Coimbra — HICCO-ZONHI

(8) Já por *três* vezes lhe disse, que *entre nós* não pode haver *chicana*!—1—1

AFRICANO

(9) Embora não *haja* perigo, *tende mão*, porque podem roubar-vos a *pedra preciosa*.—2—1

REI-VAX

(10) *Depois* da *comida* vem a *sobremeza*.—1—2

(11) Falaram-te *acerca da palmatoada* que levei no *adro?*—2—2

TIO & SOBRINHO

(12) Que *pessima* é uma *vestimenta* feita com este *tecido!*...—1—2

MIDA

(13) O bom musico, *apenas olha* para a «*Nota*» e nunca para o *instrumento*,—1—1—1.

AFRICANO

ENIGMAS

(14)
Ao que lhes vou preguntar
Que respondessem queria:
Qual o peixe mais vulgar
Que o leitor vai encontrar
N'uma qualquer romaria?

Porto — REI DO ORCO (G. E. L.)

(15)
E' vasto, extenso e comprido;
profundo, grave e pod'roso,
importante e copioso,
entre o rico é desmedido.

Entre o nobre é ponderoso,
é grave e desenvolvido;
é tambem mui desmedido,
duradoiro e numeroso.

Mas onde emfim ele é nobre,
heroico, imenso e mais bom;
Magnifico e sem ter dom,
é na cosinha d'um pobre.

. . . .

Este enigma é um trambelho,
não tem valor audictivo;
Vê-se até no aumentativo
qu'é stafado e *muito velho*.

LHALHA

CORREIO DO

PATO BIGAS, LIMITADA.—No seu logogrifo, para ser publicado, devem os colegas repetir, pelo menos, metade das letras da frase que o forma.

Já notaram o grande erro da charada a que se referem na sua carta?

REI ORCO.—Recebeu a minha carta?

REI-MORA, LOPES COELHO, A. M. C.—Estão a banhos?

ORDISI—Recebi a sua produção que farei publicar brevemente. Os meus agradecimentos.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 47

Por E. Pape 1920

Pretas (10)

(Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 45

1 B 1 P 5 C R

Resolvido pelos srs. Vicente Mendonça, Pereira de Figueiredo e Antonio Rocha (grupo albicastrense).

O tema do problema de hoje é chamado pelos americanos de switchback que nós traduziremos livremente—de ida e volta—E' mais empregado nos problemas de tres ou mais lances nos quais tem melhor cabimento.

Má língua

Com grande mágua registamos que a ultima *Má lingua*, de Thomaz Ribeiro Colaço, e que era um admiravel punhado de versos, saiu gralhada em demasia. Que nos perdoem o poeta e os leitores.

Leia-se: no 4.º verso da 6.ª quintilha *dir-se-kia quasi o banco milagreiro;* no 3.º verso da 9.ª quintilha leia-se: *que prende*; no 5.º da 12.ª *nem* em vez de *ou*.

Palavras Cruzadas

RESULTADO DO NOSSO CONCURSO

1.º Premio coube ao sr. Fernando A. Martins, Rua Rosa Araujo, 45.

2.º Premio coube á ex.ma sr.a D. Ida Pereira e Silva.

Aos premiados rogamos o favor do nos enviar com a possivel brevidade a sua fotografia.

Os premios respectivos ficam á sua disposição na nossa redação, onde podem ser requisitados, em dia e hora a anunciar.

Alem dos problemas premiados serão tambem publicados os dos seguintes:

«Nemis-Nis, sr.a D. Maria Andrade, Urbis, U. Espectros, Arievilo, I. M., de Geebo, Cardozo Lopes, Luiz Campos, Antero Faro e A. M. C.»

BANQUETE DE HOMENAGEM

Promovido pelos funcionarios burocraticos da 5.ª repartição da C. M. L., ultimamente elevados a categorias superiores, José Guilherme d'Oliveira, Arnaldo Pereira, José Pedro do Carmo nossso colaborador e Caetano J. Ribeiro Viana, com a assistencia de amigos do homenageado e d'aqueles senhores, realisou-se no dia 5 de corrente, um banquete oferecido ao chefe d'aquela Repartição sr. Vieira da Silva.

Durante o banquete que decorreu animadissimo foram recebidos inumeros telegramas e bilhetes de felicitações.

VARIA

De tudo um pouco... PARA QUEM TIVER PACIENCIA... De tudo um pouco...

Pergunta e resposta

Numa colonia um administrador teve qualquer conflito de jurisdição com o chefe duma estação de caminho de ferro, por virtude de qualquer facto ali passado.

Furioso por não ter levado a melhor, mas julgando-se com direito a isso, o referido administrador de circunscripção telegrafou ao seu superior hierarquico nos seguintes termos:

«Peço V. Ex.a digne informar se mesmo dentro aguilhas caminho de ferro administrador está exercicio suas funções.»

Não se fez esperar a resposta do Governador concebida nestes termos:

«Administrador está sempre exercicio suas funções mesmo esteja dentro varais duma carroça».

Sem um prego...

As casas japonezas, mesmo nas maiores cidades, são todas da mesma forma, teem dois andares, e são construidas de tal modo por meio de encaixes qu' ali sabem fazer com o maior engenho e perfeição, que se não usa nem um prego na construção delas.

O dia de descanso

Segunda-feira é o dia do descanço dos gregos, equivalente ao nosso domingo; terça-feira é o dos persas; quarta-feira era o dos antigos assirios; quinta-feira o dos egipcios; sexta-feira o dos turcos, e sabado o dos judeus.

Descubra aqui cinco cabeças e circunde-as com lapis. Corte o desenho e envie-o ao nosso jornal—poderá ir ao teatro uma vez esta semana.

Mobilias de prata

O rei de Inglaterra possue no castelo de Windsor, uma mobilia completa de prata mas cissa, que foi dada a Carlos II, pelo municipio de Londres.

O schah da Persia tambem tem, num dos salões de recepção do seu palacio, outra mobilia no mesmo estilo.

Ismael Pachá, um dos kedivas do Egito, comprou moveis de prata para um grande numero de aposentos da sua residencia.

No palacio do sultão da Turquia ha uma ante-camara com os moveis de prata, e uma sala de jantar mobilada de egual maneira.

Os perfumes

O uso habitual dos perfumes embota a sensibilidade do olfacto e actua ás vezes, por forma bastante grave, sobre os nervos das pessoas irritaveis.

Verdadeiros ataques de nervos, cujas causas reaes passam despercebidas áqueles que ao observam, são devidos ao emprego ordinario de perfumes muito violentos.

***IMPORTANTE.** — Nesta secção podem colaborar todos os nossos leitores. Basta para isso enviarem os casos, anedoctas, ditos, curiosidades de que tiverem noticia, para a Secção DE TUDO UM POUCO. Redacção do DOMINGO ilustrado, Rua de D. Pedro, V, 18—Lisboa.*

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

GIL SEVERO.—Força de vontade media, independencia de ideias e de caracter, bom gosto, amor á verdade, dignidade de si proprio. Em literatura ama um pouco o «preciosismo», boa memoria e culto pela recordação, bons nervos e bem dominados, ordem, metodo... para certas coisas.

OREV.—Pouca vaidade e muito orgulho, generosidade muito bem entendida, sem economia exagerada, detesta gastos inuteis, curiosidade, ambição, ideias proprias, caracter apaixonado e um tanto ciumento.

YRNOFADO.—Apaixonado, sensivel, ciumento e bastante sensual. Generosidade calculada, habilidade manual, espirito religioso, reserva, bom gosto, amor á estetica, sentimento de poesia, nervos dominados a custo, um tanto supersticioso, cuida de detalhes, ordem, vaidade intima.

LIRIO DE VALE.—Caracter influenciavel e muito sensivel, boa memoria que já foi melhor. Um tanto pessimista e algo desconfiada, espirito religioso, boa diplomata quando quer, reserva, generosidade bem entendida.

SEVEN DALVI.—Caracter impulsivo e facilmente impressionavel, pouca generosidade, muita creancice, curiosidade, optimismos, nenhuma vaidade, pouca reserva, muitos nervos.

MISS ESFINGE.—Bom gosto, caracter franco e aberto, leal e dedicado, inteligencia assimilavel, ideias largas, pouca vaidade mas muito orgulho e amor proprio, generosidade impulsiva que ás vezes a faz arrepender, sentimento de poesia, pessimismos passageiros.

UMA ALEGRE.—Tem pontos de contacto com MISS ESFINGE, no entanto parece-me de um caracter mais calmo e reflexivo talvez por ter mais experiencia da vida; muito boa memoria.

TRISTEZA.—Força de vontade, impaciente, inteligencia clara, sagacidade, excelente memoria, generosidade regular, pouca vaidade, espirito analitico, ordem, amor á estetica, reservada, trabalhadora, ambições não confessadas, optimismos de quem tudo espera do proprio esforço. ¡E confia muito em si propria!

UMA ALFACINHA.—Leia TRISTEZA que lhe serve.

FERNANDO.—Espirito pratico e trabalhador, um tanto ambicioso mas não muito egoista, se triunfa, partilham outros tambem; de paixões violentas gosta pouco dos termos medios, uma pontinha de vaidade; mais esperto que inteligente, bom amigo... muito sensual e algo ciumento.

FIGOS E NOZES.—Influenciavel, optimista e um tanto sonhador, de caracter suave e dedicado, não é mais generoso por que não pode, leal, reservado, curioso de aprender, em arte é que não sabe apreciar, adivinha-o o seu temperamento sensivel, pouco vaidoso; com esperança de não saber o que mais... espera.

JULIETA (Porto).—Inteligencia intuitiva, ideias largas e independentes, um tanto sonhadora e um pouco «empoisonée» de literatura, muitos nervos mal dominados, voluntariosa e de caracter pouco suave, generosidade bem entendida, muita curiosidade, bom gosto e amor á estetica sem simetria.

VIRGINIA.—Tem muito do caracter de JULIETA com um pouco mais de suavidade e meiguice; com o tempo virá a ser do mesmo feitio da sua irmã.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«A DAMA ERRANTE».

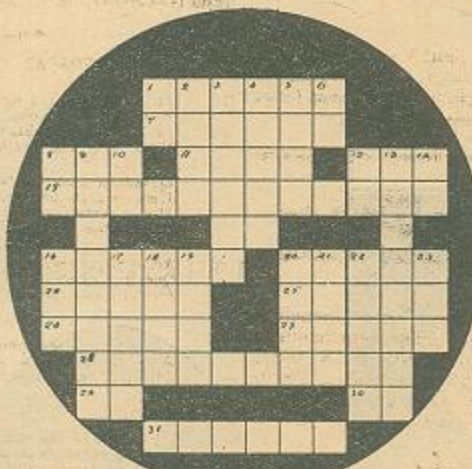
RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

CRUZADAS PALAVRAS

o passatempo da moda

Horisontaes.—1—Prefixo dalguns vocabulos medicinaes 7—Poema triste 8—Nome de mulher 11—Rija 12—Nome de mulher 15—Restituido a antiga amizade 16—Alforge 20—Leitos 24—Caminhavam 25—Adeleira 26—Ligado 27—Ditoso 28—Aromaticos 29 Nota de musica 30—Duas vogais eguais 31—Quotidiano.

Verticaes.—1—Duas vogais eguais 2—Quatro consoantes 3—Troiano 4—Erva do Brazil 5—Moeda antiga 6 Duas vogais 8—Partir 9—Locatario 10—Duas letras de ACATA 12—Nota de musica 13—Devaneia 16—Terra portugueza 18—Cavo 19—Afeição sincera 20—Bebida 21—(ant.) Ajuntar 22—Fruto 23—Tres letras de SAZU.

Solução do numero anterior: Horisontaes.—1—Cab 2—Pum 3—Gala 4—Real 5—Sal 6—Rua—Leo 8—O. R. 9—Bis 10—Ir 11 L—Lesma 12—Orgão 13—Ai 14—Io 15—Miolo 16—Rosca 17—Ar 18—Sio 19—O. R. 20—Rim 21—Sol 22—Ica 23—Aisa 24—Acro 25—Res 26—Boa. *Verticaes.*—1-Cal 2—Prazo 3—Gare 5—Sol 15—Mar 16—Rolar 22—Ira 27—Al 28—Barba 29—Ul 30—Mal 31—Leia 32—Ui 33—Oro 34—São 35—Mil 36—Rio 37—Gos 38—Iria 39—Ossas 40—Coco 41—Ara 42—Ia 43—M. I. R. 44—Se 45—Co.

Nota: — O presente problema é da autoria da nossa gentil decifradora, Ex.ma Sr.a D. Ida Pereira e Silva.

Decifradores do n.º 46:—Ex.ma Sr.a D. Ida Pereira e Silva, Artur Santos Jolu e Manoel Joaquim Duarte «*Auledo*»...

Sai a 20 de Dezembro o numero especial da revista *Terras de Portugal*

Actualidades gráficas

"Os Belenenses" á frente de todos!

O team do club de foot-ball «Os Belenenses» que vai á frente na marcação do Campeonato. Da direita para a esquerda: Augusto Silva, capitão, *Francisco Ferreira, Cezar de Matos, Joaquim de Almeida, Bernardino, Alfredo Ramos, Alaiz, Julio Morais, Joaquim Rio, Antonio de Azevedo e Fernando Antonio.*

NAS LETRAS

Dr. Oliveira Guimarães, nosso ilustre colaborador, que acaba de lançar com muito exito um novo livro de cronicas «Saias curtas».

LUIZ PEREIRA

O grande emprezario português Sr. Luiz Pereira, proprietario e director do Politeama, que deu a sua generosa colaboração á nossa iniciativa da «Consagração de Augusto Rosa».

NOS JORNAIS

Pereira da Rosa, figura de notavel relevo, a quem se deve no «Seculo» a orientação da grande campanha que levou á descoberta dos falsarios do «Banco de Angola e Metropole».

«A NOITE DE AUGUSTO ROSA»

O celebre actor Augusto Rosa, no seu grande papel do «D. Cezar de Bazan» e cuja figura vae ser consagrada num grande espectaculo promovido pela revista «De Teatro» e pelo nosso jornal.

PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$00 - SEMESTRE, 26$00
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEN POLITICA

VEJA O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO DE FOOT-BALL

BREVEMENTE: O resultado do concurso de Novelas Curtas